

É sempre um desafio transpor para a linguagem escrita outras linguagens e a transposição é, sem dúvida, também, difícil, no caso da linguagem da Pintura. A Pintura, quase se pode afirmar ter a particularidade de silenciar os discursos falados e dificultar os escritos. A sua tão imediata e total presença de leitura provoca, em quem a faz e "lê", um estado de silêncio, estreitamente interdependente. A percepção visual actua, no diálogo íntimo entre a Pintura e o seu fruidor, como um elemento de secreta cumplicidade. Ao ver uma pintura, os seus observadores poucas palavras pronunciam, limitando-se, quase sempre, a breves monossílabos de aceitação ou de repúdio. O acto de ver absorve o fruidor, retirando-lhe, quase, a possibilidade de exprimir simultaneamente a sua crítica e opinião. É certo que este fenómeno passa-se, também, noutros meios de expressão, mas a pintura tem a particularidade de provocar o silêncio e, quase, a imobilidade, durante o tempo de ver e apreciar. A Pintura não provoca manifestações de regozijo – palmas – nem gestos ritmados do corpo dos seus contempladores, nem gritos de alegria. O quadro-pintura emana, na sua permanência de silêncio, um estado inibidor de exteriorizações e manifestações, em si. A sua presença, tão franca e total, é, também, ao mesmo tempo, íntima dos seus contempladores, provocando, com esta frontalidade e verdade, um constrangimento de especulação crítica e teórica. Há, sem dúvida, na Pintura uma evidência total e imediata, que a Literatura, a Música, a Dança e mesmo a Escultura não têm. É nestes breves momentos do ver total e sentir a Pintura, que não cabe a expressão de outras linguagens. Há um confronto de silêncio com a obra pintada. Mas, então – pode-se perguntar – a Crítica, a especulação teórica e a História da Arte, que conhecemos, como surgem? Não é através da escrita e da fala que se manifestam estes saberes? Sem dúvida, que sim, mas acontecem para lá dos primeiros encontros, para lá dos primeiros momentos. É nas relações memoriais, já na mesa de trabalho, no convívio e troca de opiniões, na preparação da palestra, etc., que a expressão falada e escrita acontece.

Como agora, nesta situação de retorno à memória das emoções suscitadas pela Pintura de Ana Sérgio, em que as palavras podem surgir, pois, como disse, a Pintura tem a capacidade de nos silenciar e imobilizar, nos momentos de fruição, e, só na distância de algum tempo passado, se pode fazer leituras múltiplas de enquadramento histórico e teórico. Esta Pintura pode designar-se ou classificar-se como abstracta, ou, com mais precisão, pintura apresentativa – e não representativa das coisas e objectos reais, para, assim, se evitar a expressão de pintura não figurativa, designação que falseava as características presentes nos quadros de Ana Sérgio, pois as figuras – formas estão presentes e bem visíveis, como, presente, deve estar a qualidade cromática e as suas tonalidades. São formas – figuras, não de rigor geométrico, mas, formas quase orgânicas, que surgem com uma aparente expressão livre, originando, sem dúvida, um "retrato" íntimo da sua autora. Estas formas, quase gestuais e descomprometidas, revelam um equilíbrio a vários níveis, tanto formal, como espacial, que espelham a personalidade franca da jovem Pintora Ana Sérgio. É uma Pintura feliz, com uma expressão bem assumida, como as atitudes da sua autora. Ana Sérgio retrata-se nesta Pintura, que lhe vai surgindo, compassadamente, sem pressas, nem tormentos, como se fossem grandes páginas de um diário íntimo, que escreve dia-a-dia, com signos pessoais. O seu ser está visualmente expresso nestas telas, que apresentam a sua personalidade neste jogo de formas, puzzle de três ou quatro cores. O seu estar, o seu porte, reflectem-se, sem dúvida, nas suas obras, não em imagens evidentes, mas em códigos de pintura pura. Assim, poderíamos retornar à contemplação das suas pinturas, para reter, com atenção, a sua expressão apresentativa, numa leitura mais atenta e, se possível, agora, acompanhada de anteriores reflexões e enquadramentos. Outras análises se podem perscrutar, outras comparações são possíveis de fazer, não em frente dos quadros, como já referi. É necessário dar tempo à sua Pintura, é necessário que os seus quadros saiam da galeria e venham recolher-se em espaços múltiplos, para que novos contrapontos se possam estabelecer e para que novas reflexões surjam. Esta Pintura não narra histórias, não descreve coisas e objectos; provoca-nos sensações e (e)leva-nos ao silêncio da contemplação.